

MEU PERCURSO

O TRAJETO DE QUEM ESCOLHE A
CARREIRA ACADÊMICA

ORGANIZAÇÃO
CAROLINE ALCANTARA
LUCIANA LOURENÇO
MARCIANA G. FARINHA



ORGANIZADORAS

CAROLINE CORRÊA ALCÂNTARA
LUCIANA PAULA LOURENÇO
MARCIANA GONÇALVES FARINHA

MEU PERCURSO

O TRAJETO DE QUEM ESCOLHE A
CARREIRA ACADÊMICA



EDITORA LIVERSO
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP – BRASIL
2024

EDITORA LIVERSO – CORPO EDITORIAL

PRESIDENTE: CAROLINE ALCÂNTARA (UNIFESP)

MEMBROS: PROF. DR. DEMETRIUS ALVES DE FRANÇA (IFB)
PROF^ª. DRA. JAQUELINE RODRIGUES STEFANINI (FEN-UFG / USP)
PROF^ª. MA. LUCIANA PAULA LOURENÇO (IFMG)
PROF^ª. DRA. MARCIANA GONÇALVES FARINHA (UFU)
PROF^ª. DRA. MARINA SAVORDELLI VERSOLATO (UNISANTANA)
PROF. DR. PAULO EDUARDO R. ALVES EVANGELISTA (FAFICH)
PROF. DR. RAPHAEL DE MORAES DUTENKEFER (USP)
PROF^ª. DRA. SHIRLEY MACÊDO VIEIRA DE MELO (UNIVASF)
PROF^ª. DRA. TATIANA BENEVIDES MAGALHÃES BRAGA (UFU)

Presidência editorial: Caroline Corrêa Alcântara
Editoração: Editora Liverso
Coordenação editorial: Marciana G. Farinha e Luciana P. Lourenço
Revisão: André Augusto Lourenço
Projeto gráfico e diagramação: Leticia Balbino (Imagens canvas free)

ISBN: 978-65-982577-1-2
doi.org/10.70043/edli-978-65-982577-1-2

Editora Liverso

Bosque dos Eucaliptos
São José dos Campos
São Paulo / Brasil
www.editoraliverso.com.br
contato@editoraliverso.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meu percurso [livro eletrônico] : o trajeto de quem escolhe a carreira acadêmica / organização Caroline Corrêa Alcântara, Luciana Paula Lourenço, Marciana Gonçalves Farinha. -- São José dos Campos, SP : Editora Liverso, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-982577-1-2

1. Carreira acadêmica 2. Educadores - Brasil 3. Ensino superior - Brasil 4. Estudantes universitários I. Alcântara, Caroline Corrêa. II. Lourenço, Luciana Paula. III. Farinha, Marciana Gonçalves.

24-215828

CDD-371.425

Índices para catálogo sistemático:

1. Estudantes universitários : Vida acadêmica : Educação 371.425

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Capítulo 6

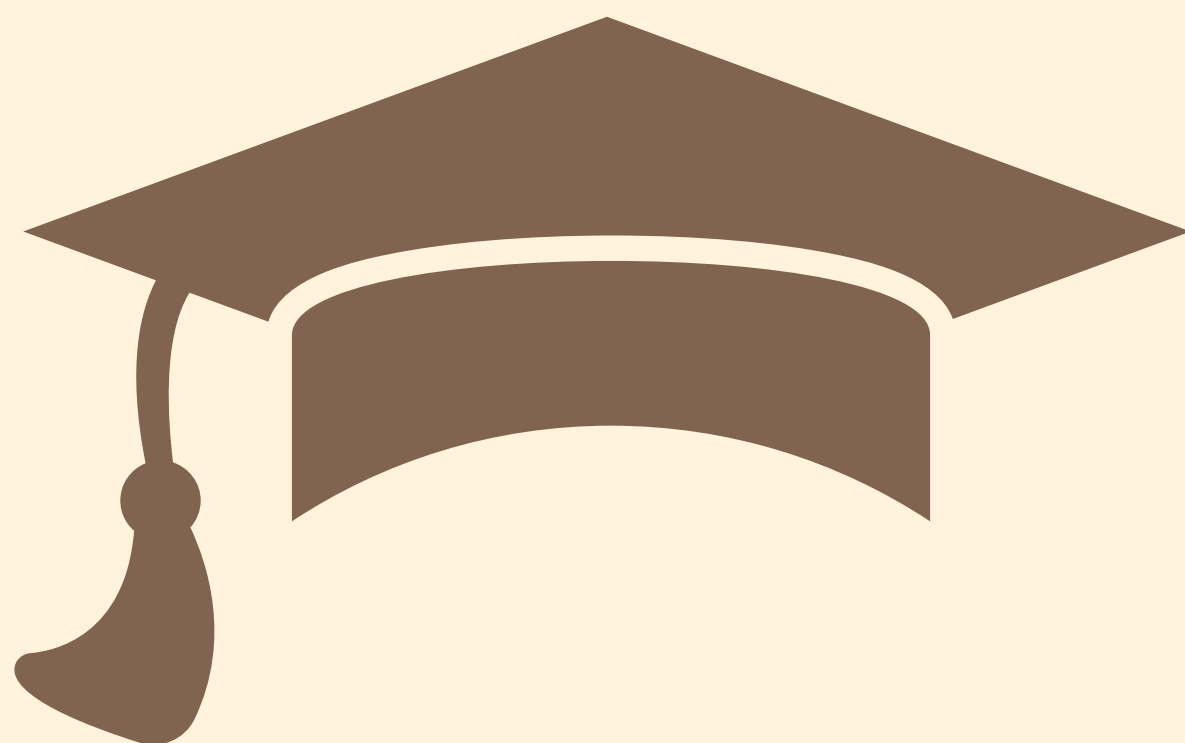
Um Percurso Estético: Como Ouvinte, Leitora e Professora.

Juliana Caroline da Silva

Professora de Teatro; Arte-Educadora; Mestranda em Artes Cênicas
pela Universidade de São Paulo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5711213525500137>

E-mail: cajubsss@gmail.com



MEU PERCURSO

O TRAJETO DE QUEM ESCOLHE A
CARREIRA ACADÊMICA

Clique aqui e volte para
o sumário!



No começo eu contava histórias porque queria mudar o mundo. Hoje, amanhã e sempre vou continuar contando histórias para mudar a cada dia o modo como entendo o mundo e a mim mesmo. (Machado, 2015, p. 95)

Os encontros em família na casa dos meus avós sempre foram muito festivos e a música se faz presente em cada comemoração e data especial. Meu avô materno, nhô Romão, é uma personificação do pescador mentiroso: caipira, mineiro, tocador de cavaquinho e para a alegria dos netos e netas: um narrador zombeteiro. Ele é mestre de Folia de Reis e participa do Moçambique desde jovem. Junto da minha avó, nhá Tina, me carregava desde meus três anos para participar das rezas e festas destas manifestações culturais populares do interior de São Paulo. Cresci ao som de viola com guizo de cobra, sanfona, cavaquinho e pandeiro; rodeada por enfeites coloridos de fitas e bandeira de santos, palhaços, bastões que marcam o ritmo da dança, pontos, toadas cantadas e repetidas pelos foliões e moçambiqueiros.

Estas foram manifestações culturais que legitimaram meu desenvolvimento estético. Em seu ensaio *O direito à literatura* (2004), Antonio Candido afirma que não há homem que possa viver sem ter contato com a fabulação, criação ficcional ou poética. O autor apresenta a literatura como manifestação universal a todos os povos.

Está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na literatura seguida de um romance. (Souza, 2004, p. 137)

O autor estabelece que a literatura corresponde a uma necessidade universal e, portanto, constitui um direito. Lembro do meu primeiro contato com a leitura ter sido por meio de um gibi da Turma da Mônica. Eu já estava na educação infantil quando, sentada no degrau da porta de casa enquanto minha mãe lavava roupa no tanque, eu questionava letra por letra e palavra por palavra tentando compreender as falas do Cebolinha.

Depois de algum tempo me respondendo, minha mãe pediu ao meu pai que me ensinasse a ler e escrever. Sentado no sofá, com uma folha em branco apoiada em um caderno e uma caneta nas mãos, ele foi escrevendo as sílabas: ba, be, bi, bo, bu, pa, pe, pi, po, pu, ta, te, ti, to, tu... Me ensinando a juntá-las para formar palavras, como baba, bobo, pipa ou pato. E em minha seguinte lembrança, já estou grudada no gibi explorando esse juntar sílabas nas primeiras leituras em voz alta. Eu tinha cinco anos.

Essa relação com a família é motora no meu percurso cultural e social.

Cresci participando de rezas e festas religiosas, fui coroinha na igreja católica e, enquanto lia o comentário nas missas, fazia catequese e participava do teatro na igreja, também desenvolvendo meus hábitos de leitura.

Durante o ensino fundamental, tenho a viva lembrança de duas leituras que marcaram minha trajetória. A primeira foi a leitura em voz alta que uma professora fazia na rotina escolar, lendo diariamente 5 páginas de Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Percebo hoje o quanto foi uma proposta desafiadora ler esse clássico da literatura brasileira para alunos da 4ª série (ou talvez 5ª). Além de ser uma escolha pedagógica que deixou rastros: tenho essa vontade pela escuta, de escutar que leiam para mim e de ler para outros, além da facilidade de aprendizagem quando estudo lendo em voz alta para mim mesma.

O segundo livro em questão, foi a primeira dramaturgia que li: Pluft, o fantasminha, de Maria Clara Machado, que tive contato pela biblioteca da escola. Na realidade, era uma estante que ficava ao alcance dos alunos em um espaço comum. Este marcou meu primeiro contato com o teatro, quando eu ainda nem imaginava entrar em cena como artista ou professora. Dessa mesma estante, também me recordo de ler o estatuto da criança e do adolescente.

Outra ação proposta por uma professora do ensino fundamental foi a escrita de um diário pessoal. O que eu achava contraditório, pois o objetivo era ser algo íntimo, mas que a professora desejava “dar um visto” todos os dias. Nele, eu escrevia coisas que havia feito no meu dia, era um espaço para anotar sentimentos que estavam aflorando com a puberdade, fofocas entre as amigas e, conseqüentemente, segredos. A solução que encontrávamos para evitar que a professora lesse nossos segredos, era criar alfabetos com símbolos específicos que mantínhamos entre nós, e assim, escrevíamos algumas frases com esses símbolos que só tinham significado para nós. Esse alfabeto próprio também aparecia nos bilhetinhos trocados em sala de aula, assim, caso alguém pudesse ter contato com o bilhete, não saberia traduzir seu conteúdo.

erepúscul

H E N I E M

Trocávamos cartas entre as amigas, entre as paixões imaturas na escola, assinávamos cadernos com depoimentos de amizade e carinho, o que foram também práticas de escrita, espaços para explorar as palavras usando muita caneta colorida e glitter.

Não tínhamos hábitos de leitura em família, meu pai trabalhava muitas horas no dia e minha mãe, com três filhos e os cuidados com a casa, também não conseguia se dedicar à leitura. Em locais como o Brasil, com grande parte da população analfabeta, Antonio Cândido evidencia que as condições não permitem “a margem de lazer indispensável à leitura”. (Souza, 2004, p. 152).

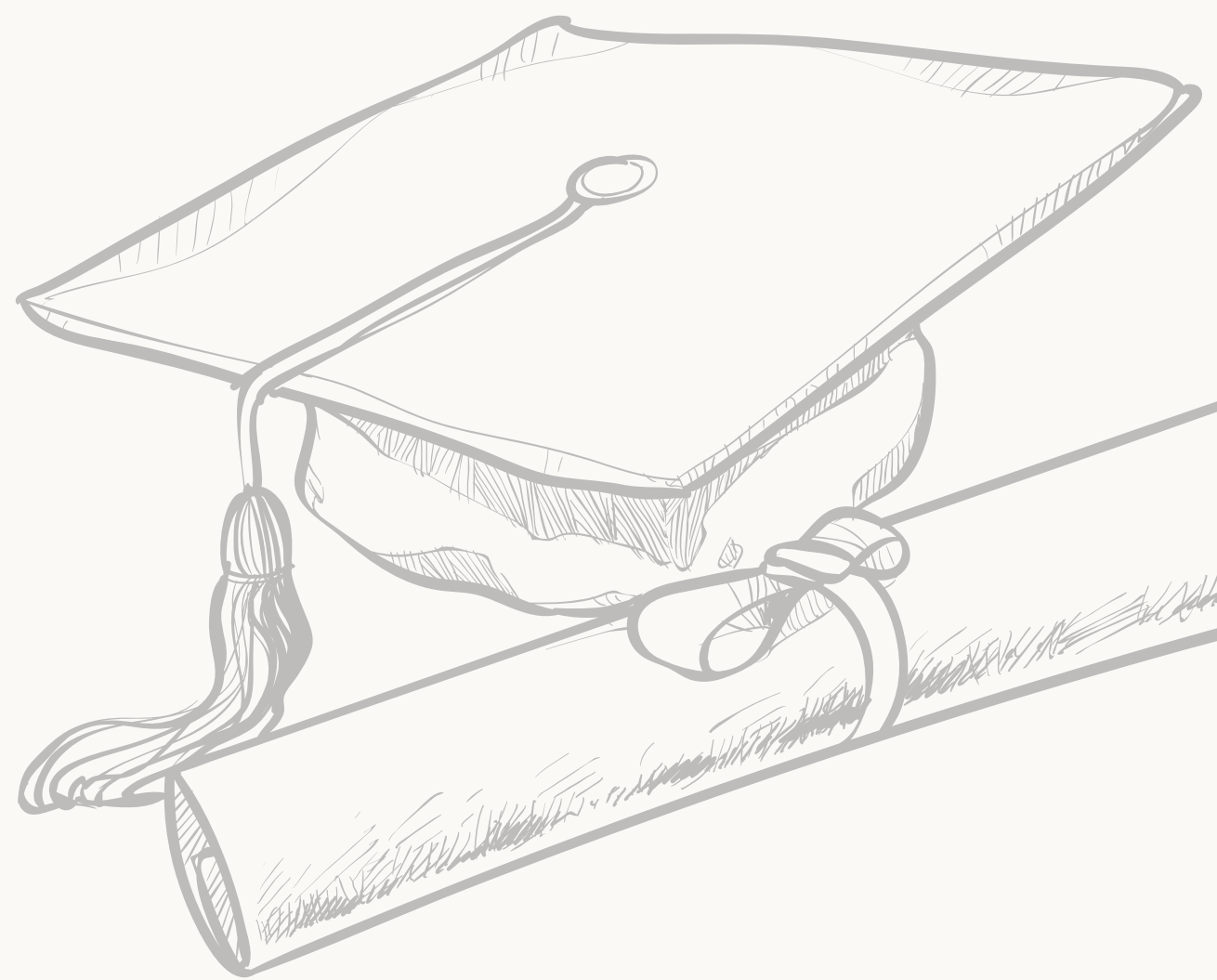
Não havia muitos livros em casa, além dos gibis e alguns livros religiosos que me lembro, mas encontrei um caderno de poemas que pertencia à minha mãe, ela o havia guardado desde a adolescência e me deixou usar para ler e incluir poemas que eu quisesse.

Neste caderno fiz colagens, desenhos, rabiscos, me arrisquei a escrever alguns versos e o carreguei comigo para ler poemas para outras pessoas.

Não fui uma criança que lia histórias das princesas da Disney, me interessava por romances de época, aventuras policiais e fantasias. Eu pegava emprestado incontáveis livros de amigas e da escola, talvez alguns inadequados para minha idade.

Quando adolescente, li a saga Crepúsculo, de Stephenie Meyer. Dos sete livros que a compõem, alguns foram emprestados de uma amiga muito próxima e outros comprados por mim, com o dinheiro que eu recebia por ajudar a cuidar dos meus irmãos mais novos enquanto minha mãe trabalhava como manicure.

Nessa fase, eu lia nas horas vagas do meu dia, pois me dedicava ao cuidado da casa e dos meus irmãos para ajudar minha mãe. Esses livros me levavam para lugares incríveis, principalmente por ser onde eu escapava da realidade em que eu e minha família vivíamos por consequência da desigualdade social:



Privação de recursos básicos como saúde, más condições de moradia, má alimentação e violência. A leitura, como assumi mais tarde, foi minha fuga. Seria mesmo uma fuga da realidade? Ou uma necessidade humana pela fantasia, pela ficção? A literatura desmascarou situações de restrição e negação de direitos que eu e próximos a mim vivíamos.

A forma estruturada da construção literária pode permitir que seu conteúdo ganhe maior significado, aumentando assim a capacidade de ver e sentir, identificar-se. Satisfazendo necessidades básicas dos seres humanos, as produções literárias enriquecem nossa percepção e visão do mundo com profundidade, portanto, em acordo com Antonio Cândido, fruí-las é um direito de qualquer pessoa no mundo.

Guardo com carinho uma crônica que escrevi para a Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2010, quando eu estava com 14 anos e cursando o 9º ano do ensino fundamental, o tema era “O lugar onde vivo”. Ao escrever sobre minha cidade, eu já demonstrava meu encantamento por essa terra que tem menos de 15 mil habitantes e que oferece manifestações artísticas e populares da região, como a Folia de Reis, o Moçambique, o Artesanato e a Música, em especial o sertanejo e a viola caipira. Porém, é chamada de “cidade dormitório”, por não ter oferta para as demandas da população em relação a emprego, educação, lazer e saúde, por exemplo.

Meu primeiro encontro com meu companheiro, atualmente marido, foi na época do ensino médio e se deu com o objetivo de trocar livros. Eu o emprestei *Água para elefantes*, de Sara Gruen, e ele me emprestou *Diário de uma paixão*, de Nicholas Sparks. Seguimos conversando sobre leituras, livros, autores e paixões. Nos enviávamos letras de música e poemas pelas redes sociais, e trocávamos cartas também, principalmente quando me mudei para outro estado para cursar Teatro na Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Estando a 2.500 quilômetros de distância da comunidade onde cresci e do olhar pouco acostumado a ver a pluralidade no mundo, pude reorientar minha identidade me relacionando com a diversidade sociocultural de Pelotas. Enquanto espectadora, pesquisadora e artista criadora, vivi a potência e vigor da literatura e do teatro na minha relação com o mundo. Me coloquei em zonas desconhecidas e ricas em oportunidades de fruir arte, que também são resultados sensoriais e particulares manifestados com as poéticas que experienciei na minha infância: o rito, a estética, a harmonia, a coletividade, a contação de histórias e o poder das artes cênicas enquanto manifestação da cultura popular.

Retornei já formada à minha cidade e enfrentei o choque da escassez de oportunidade para atuar, lecionar e também de ser espectadora teatral. Meu olhar buscava algo que ali estava em falta. A cidade segue com práticas religiosas, artísticas e de ensino que quase não esbarram na pluralidade da cultura, não fomentam as manifestações populares, não alcançam a multiplicidade do mundo e limitam o olhar. Constatando a necessidade de fomentar a disponibilidade de espectadora nos santabranquenses, que também precisam ser colocados em risco, precisam ter a possibilidade de saborear a diversidade em experiências com a arte. A falta de contato com a literatura e o teatro na cidade também são mantenedores do status quo social. Buscando alternativas para romper com o cenário atual (principalmente, mas não apenas da minha cidade), carente de uma arte que desvende e reivindique modos de pensar, que rompa com a temporalidade padrão da psiquê, da pressa, do conservadorismo, da desatenção, que não tem acesso ao criativo, ao inconsciente e à memória, proponho em minha pesquisa explorar possibilidades do ensino da linguagem teatral em contato com ações de leitura, escuta, escrita e oralidade, em direção a uma fruição da literatura, afirmando-a como um direito inalienável.

Com minha pesquisa, busco acessar uma aprendizagem que me permita usar de narrativas, do encontro do corpo e da voz com o texto e a fantasia, para levar alunos a atravessarem um portal de encantamento, a terem essa sensação de “estar lá” no fazer teatral, a terem experiências que colaborem para seu letramento, sua leitura do mundo e da poesia que há nele, assim como de exercitar a alteridade ao se colocar em prática o confronto com o pensamento do próximo.



“A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor” (Todorov, 2009, p. 94).

Segundo o Tzvetan Todorov, em seu livro *A literatura em perigo* (2009), o ensino da literatura demanda uma reflexão da dimensão da própria existência humana, de forma que a padronização do ensino da literatura nas escolas atualmente, que objetiva ilustrar conceitos teóricos, linguísticos e a aplicação da língua e do discurso, impossibilita a inclusão do debate enriquecedor e eloquente que é a condição humana.

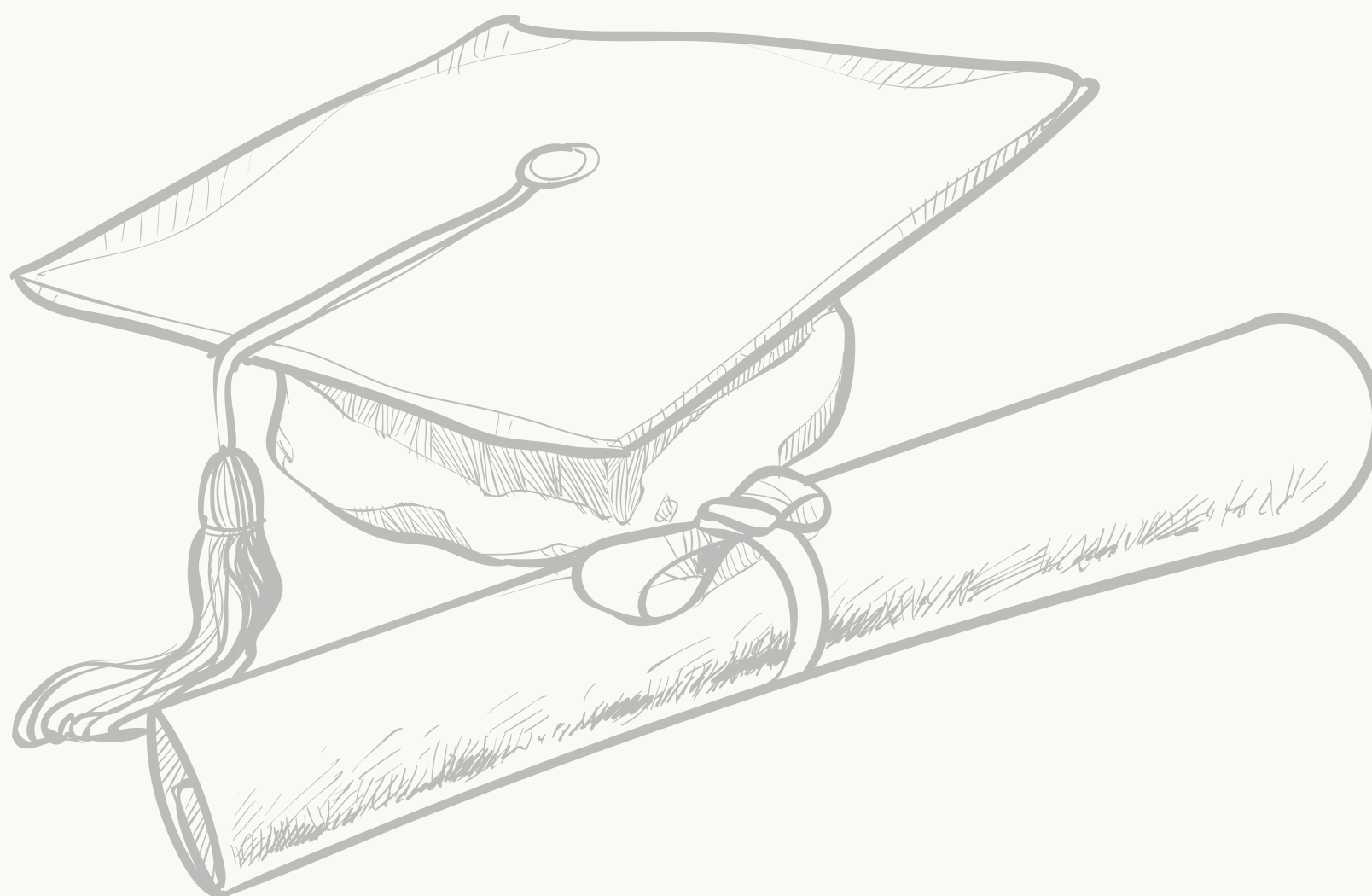
O autor afirma que dificilmente o ensino de abordagens estruturais (que deveriam ser instrumentos fora do objetivo próprio do ensino), resultará no amor pela literatura.

Seguindo esse pensamento, como posso buscar outras possibilidades de processos de aprendizagem com a literatura no ensino do teatro? Como favorecer a disponibilidade de uma pessoa para a apreciação estética com profundidade de uma obra literária, seja um conto, um romance, uma narrativa oral ou uma poesia?

Eu escolhi ser professora de teatro com o desejo de mudar o status quo social, fazer diferença na minha comunidade e colocar em prática um ambiente favorável para se desenvolver um olhar “para além do que se vê”, que nutra o imaginário e amplie a visão de mundo dos alunos, potencializando percepções e alargando sentidos para o extra cotidiano. Aguçar os sentidos para a sensibilidade. “Os recursos internos, quando explorados, reanimam em conjunto a capacidade de brincar, entendida como flexibilidade perceptiva, ou maleabilidade para dar forma viva e autêntica a cada situação humana” (Machado, 2015, p. 131).

Vejo a necessidade de me conectar com o exercício de afinamento da percepção da expressividade nos objetos, nas palavras e em seus contextos, para possibilitar uma eficiência poética durante as aulas que proponho, desbravar caminhos que proporcionem desafios perceptivos.

Todorov, em seu livro *A Literatura em Perigo* (2009), nos envolve em uma reflexão onde examina que a literatura está sob a ameaça de não ter poder em participar da formação cultural dos cidadãos. Teatro e a Literatura são objetos culturais de difícil acesso para comunidades dentro do sistema de desigualdade social no Brasil e no mundo.



Portanto, vislumbro uma oportunidade de promover no ensino do teatro um processo de aprendizagem que seja significativo, que possa ser “instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo, vetor de uma formação crítica conduzindo a uma educação para a liberdade e autonomia” (Pupo, 2005, p. 3).

É um objetivo em meu projeto de pesquisa investigar o uso da potência literária no ensino do teatro. A princípio, terei aulas semanais com um grupo de jovens em uma ONG, o projeto Batucando Formando Talentos, onde materializarei formas pedagógicas de fomentar a conquista social da disponibilidade poética, incentivando a leitura e valorizando a relação em que se dois ou mais estiverem disponíveis para ler e jogar, haverá teatralidade, estesia e encontro.

O Batucando é a única iniciativa na cidade que proporciona atividades de formação artística a longo prazo e de forma gratuita. Acolhe crianças em situação de vulnerabilidade social e, como o nome diz, forma talentos. Do projeto, além do desenvolvimento pessoal que pode ser visto nos participantes, muitos artistas surgiram e buscaram posteriormente formação acadêmica nas linguagens artísticas, como músicos, dançarinos e professores de artes, o próprio assessor de cultura da cidade teve passagem pelo Batucando quando adolescente.

O início do projeto se deu com investimento da empresa Suzano (antes chamada de FIBRIA), localizada na região. Hoje, com subvenção da prefeitura, é possível manter o aluguel da sede e oferecer seis oficinas: violão, bateria, técnica vocal, teclado, artes visuais/grafite e dança; os agentes do projeto seguem constantemente buscando parcerias e patrocinadores para suprir demandas de materiais e ampliar suas ações na comunidade. Pergunto-me, enquanto artista, pesquisadora, espectadora e professora neste lugar onde vivo: O que desejo? E a resposta é fomentar o potencial político da arte.



Proporcionar corpos/espços/experiências que não sejam de dominação, que sejam de ruptura com a limitação cotidiana e que não apenas democratize algum acesso a bens culturais, principalmente à literatura e ao teatro.

Para esse propósito, pretendo desenvolver aulas de teatro conduzindo jogos a partir de textos, onde possa articular práticas de apropriação textual, em palavras, desenhos, movimentos, ações, por exemplo, criando um espaço facilitador para descobrir elementos perceptivos e assegurar referências para um repertório simbólico, com o pretensioso desejo de desenvolver com os alunos o autoconhecimento e a imaginação criadora, instrumentando-os a interpretar com invenção poética o conhecimento a que tiverem acesso.

Referências

MACHADO, Regina. A arte da palavra e da escuta. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

SOUZA, Antonio Cândido de Mello e, O direito à literatura in CARVALHO, José Sérgio, Educação, cidadania e direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TODOROV, Tristan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.